



DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA DE NAZARÉ CAPUCUMULA

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM MUSEU PARA A
CONSERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS PEÇAS MUSEOLÓGICAS
E ARTEFACTOS HISTÓRICOS NO REINO DO BAILUNDO

CAÁLA/2023

MARIA DE NAZARÉ CAPUCUMULA

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM MUSEU PARA A
CONSERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS PEÇAS MUSEOLÓGICAS
E ARTEFACTOS HISTÓRICOS NO REINO DO BAILUNDO**

Projecto do PFC apresentado ao Departamento de Ensino e Investigação em História do Instituto Superior Politécnico da Caála, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.
Orientador: João Sicato Kandjo, Msc

CÁALA/2023

Dedico este projecto aos meus familiares, em particular aos meus progenitores, esposo, professores e colegas pelo apoio, incentivo e fiel companhia que nos deram durante esta espinhosa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, pela vida e por ser meu companheiro durante esta longa trajetória, aos meus parentes do primeiro e segundo grau, ao meu esposo e filhos e aos meus professores, especialmente ao meu tutor, João Sicato, o meu profundo e especial agradecimento.

Resumo

O projecto agora apresentado em forma de trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Ensino de História no Instituto Superior Politécnico da Caála, pretende propor à Administração do Município do Bailundo, Governo da província do Huambo e a classe empresarial para a construção de um centro ou museu para a conservação e divulgação das peças museológicas e artefactos históricos produzidos no Reino do Bailundo e regiões adjacentes, porque sabe-se que preservar o património histórico e cultural dos povos faz com que as marcas de sua história se perpetuem no tempo, assegurando sua diversidade cultural e o planeamento de construções dinâmicas que enriqueçam ainda mais aquela região. Os museus desde a sua formação são instituições criadas para salvaguardar os bens patrimoniais de um indivíduo ou povo. Os museus públicos de um país são de grande importância por que contribuem para a preservação do memorial cultural coletivo de um país por serem instituições tuteladas pelo poder público, além de preservar contribuem significativamente para construção social e integração cultural sobre tudo em países pluriétnicos como é o caso de Angola. Por outro lado, por possuírem documentos com grande ênfase da vivência passada dos homens são também instituições que passam e testemunham o conhecimento vivido e construído pelos antepassados a fim de serem compartilhados pelos seres vivos do presente.

Palavras-chave: Reino, Bailundo, Museu, Artefactos, Conservação.

ABSTRACT

The project now presented in the form of a course conclusion work for the Degree in History Teaching at the Instituto Superior Politecnico da Caála, intends to propose to the Administration of the Municipality of Bailundo, the Government of the province of Huambo and the business class for the construction of a center or museum for the conservation and dissemination of museum pieces and historical artifacts produced in the Kingdom of Bailundo and adjacent regions, because it is known that preserving the historical and cultural heritage of peoples makes the marks of their history perpetuate in time, ensuring their diversity culture and the planning of dynamic constructions that enrich that region even more. Museums, since their formation, are institutions created to safeguard the heritage assets of an individual or people. The public museums of a country are of great importance because they contribute to the preservation of the collective cultural memorial of a country because they are institutions supervised by the public power, in addition to preserving they contribute significantly to social construction and cultural integration, especially in pluriethnic countries such as the case of Angola. On the other hand, because they have documents with great emphasis on the past experience of men, they are also institutions that pass on and testify to the knowledge lived and built by the ancestors in order to be shared by the living beings of the present.

Keywords: Kingdom, Bailundo, museum, pieces, history, artifacts, propose, create, museum.

SUMÁRIO DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	29
Gráfico 2.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 3.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 4.....	Erro! Indicador não definido.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Descrição da situação problemática	10
1.2 Objectivos.....	11
1.2.1 Objectivo Geral:.....	11
1.2.2 Objectivos específicos:	11
1.3 Contributo do trabalho.....	11
2. FunDamentação Teórico-Empírica	12
2.1 ORIGEM E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DO REINO DO BAILUNDO	12
2.1.1 Breve Historial da sua fundação.....	12
2.1.2 Origem do nome Bailundo: “de Halavala à Bailundo”	14
2.2 SITUAÇÃO GEOGRAFICA DO REINO DO BAILUNDO	16
3. 3 Resenha histórica do surgimento e evolução do museu e sua utilidade.....	18
2.4 Peças museológicas e artefactos históricos do Reino do Bailundo	22
2.5 Proposta de criação de um Museu para a exposição das peças museológicas e artefactos históricos no Reino do Bailundo.....	24
4. Procedimentos Metodológicos	27
4.1 Tipo de Pesquisa.....	27
4.2 Métodos de Pesquisa	27
4.2.1 Métodos de nível Teórico:.....	27
4.2.2 Métodos de Nível Empírico:	28
Serve para testar a validade de teorias e hipóteses em um contexto teórico – prático; este método foi utilizado para comprovar as várias teorias e hipóteses sustentadas pelos autores, serviu para gerar evidências uma para obter conclusões.	28
5. Descrição e discussão dos resultados	29
6. Proposta de Solução	32
Referência bibliográfica	33

LISTA DE ABREVIATURAS

Ed. Edição.

Eds. Edições.

p. Páginas.

p. páginas.

Org. Organização.

Lda. Limitada.

V. Volume.

https. Sate internacional.

PFC. projecto de final de curso.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que o estudo da história é complexo e engloba vários factos (políticos, económicos, arqueológicos e sociocultural). Por ser uma ciência social abrange uma grande diversidade de conhecimentos provenientes de várias ciências, procurando narrar os factos diacrónica e sincronicamente, como também a sua explicação e compreensão simultaneamente.

Defendem bem os fundadores da Nova História, que a História Universal não pode ser feita sem o contributo de micro-história de âmbito local, regional e nacional, entretanto é o somatório desse processo que nos dá uma visão de conjunto quanto a caminhada da humanidade. Esse singelo trabalho enquadra-se nessa perspectiva de conhecer a história local, regional para um saber nacional e conseqüentemente para o conhecimento histórico universal.

Este tema refere-te a história da tribo Ovimbundu do Reino do Bailundo, história local, regional e nacional, cujo, reflexo se denota na história de Angola, africana e universal devido o papel do colonizador português.

A escolha e selecção desse tema ou problema obedeceu a motivação pessoal e académica porque constatou-se que os historiadores, académicos, arqueólogos, antropólogos, museologistas e outros, poucos têm se interessado em pesquisar e publicados artigos, teses, monografias e obras sobre o tema proposto. Foi olhando para esse dossier que motivou a fazer uma investigação mais focada ao tema proposto “Proposta de criação de um Centro ou Museu para a conservação de peças arqueológicas e artefactos históricos”.

1.1 Descrição da situação problemática

A falta de um museu para a conservação e divulgação das peças museológicas e artefactos históricos no município do Bailundo tem contribuído para pouco conhecimento dos mesmos. E, olhando e analisando esta situação (essa dificuldade), vimos que é uma tarefa bastante ingente a criação de um Museu para a conservação e divulgação das peças museológicas e artefactos históricos, no Reino do Bailundo.

1.2 Objectivos

Para a realização desse trabalho foram determinados os seguintes objectivos:

1.1.1 Objectivo Geral:

Propor a criação de um museu para a conservação e divulgação das peças museológicas e artefactos históricos no Reino do Bailundo.

1.1.2 Objectivos específicos:

- a. Caracterizar o Reino do Bailundo;
- b. Fundamentar teórica e metodologicamente a produção artística do Reino do Bailundo e sua significação, ontem e hoje.
- c. Elaborar acções para a conservação e divulgação das peças museológicas e artefactos históricos do Reino do Bailundo.

1.3 Contributo do trabalho

Espera-se que este projecto chegue a quem é de direito e que em pouco tempo este centro ou museu venha a ser erguido para conservação da memória colectiva do povo Ovimbundu. Pensa-se, portanto, que se assim fosse, o município do Bailundo conseguiria atrair investidores estatais ou particulares, turistas nacionais e estrangeiros e consequentemente, alavancaria a economia dessa região planáltica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

2.1 ORIGEM E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DO REINO DO BAILUNDO

2.2 Breve Historial da sua fundação

Por volta de 1700, Katyavala I, fugindo de conflitos internos familiares, deixa a sua tribo e rumou para o monte de Halavala, submetendo, posteriormente, à sua tutela cinco aldeias da região como: Halavala, Tchiaka, Kaliki, Ndulu e Viye, as quais se uniram sob sua autoridade, fazendo-o seu monarca, seu Ossoma Inene, tornando-o o grande monarca dos bailundos e assentando-o na Ombala de Halavala, que depois viria a chamar-se Bimbi-Katapi, Vila Teixeira da Silva (hoje Bailundo).

Várias têm sido as narrativas que procuram justificar a proveniência da população Ovimbundu na região do Bailundo, sua fundação, bem como a origem da nomenclatura da palavra Bailundo.

Para Wheeler, D. e Péliasser, R. (2011), os povos Ovimbundu, entre 1500 e 1700, emigraram em vagas sucessivas para o actual território de Angola, vindos do Norte e do Leste, para o planalto central.

Luansi (2003) afirmam que “A presença portuguesa no território que hoje é Angola e. conseqüentemente, tráfico de escravos provocou inúmeros batalhas, com maior destaque a batalha de Ambuila em 1665. As conseqüências dessa política de ocupação foram devastadoras, já que a caça ao homem, que foi estendida as zonas do interior, provocou novos movimentos migratórios para o sul do rio Kwanza”.

Essas populações misturaram-se com os autóctones do planalto central, para formarem mais tarde as conhecidas dinastias Ovimbundu do século XIX (Ibdem).

No mesmo diapasão, Poulson (2009, pp. 162-163) concorda com Luansi e vai mais longe ao sustentar que o “Reino do Bailundo a semelhança de outras regiões do país, ou melhor, do interior do país, foi já habitado por diversos povos, resultantes dos movimentos migratórios que caracterizou o continente africano”.

Enquanto Mildner-Spindler citado por Luansi (2003, p. 4) fundamenta que “os Ovimbundu constituem a população mais jovem do Planalto Central resultariam de sucessivas migrações Imbagala – também conhecidas por Jagas – a partir do século XVI.

A tradição oral sustenta que os primeiros habitantes do actual Bailundo situavam-se junto à montanha de Halavala, liderados por dois anciões Mbulu e Tchingala. Estas figuras eram responsáveis daquela comunidade. Este povo, como é natural, tinha os seus usos e costumes, seus hábitos e tradição.

Da Costa (2014, p. 54) apoiando-se em Childs, afirma que “o Bailundo foi ocupado originalmente por Mbulu e servia como acampamento para caçadores. Katyavala, um membro da família real de Cipala (identificado pela tradição como primeiro ossoma do Bailundo) teria ido caçar nesta região e, na ocasião, visitou Mbulu que lhe concedeu sua filha em casamento. Katyavala percebeu o potencial das montanhas e aproveitou-se da ausência de Mbulu para tomar o governo das terras”.

Sungo (2016) e Sanjukila (1997) são unânimes ao afirmarem que desde cedo, as populações de Halavala, hoje Bailundo, apresentavam-se em certa medida relativamente organizadas do ponto de vista político-cultural e apresentavam uma hierarquia encabeçada pelos anciões.

O tempo nos tem mostrado, que em todos os povos, tribos, reinos e estados, a tradição sempre foi um elemento de ligação entre os mortos e os vivos e de perpetuação dos antepassados, entretanto, em Halavala não fugia a regra, aquele povo devia obediência político-cultural aos anciões.

Quem concorda com esse dossier é o Pe. Altuna (2014, p. 88) ao afirmar que “a palavra da tradição, legada pelos antepassados, é mais poderosa que a dos vivos e, entre estes, a de um chefe, um ancião ou um especialista da magia é mais eficaz que a de um homem normal.

Segundo a tradição oral, o Reino do Bailundo foi fundado provavelmente no século XVI, por um caçador de nome Katyavala, proveniente de Kibala, da actual província do Kwanza Sul, depois deste, ser expulso da convivência familiar devido ao facto de ter abatido uma série de cabeças de gado de seus pais, por estar cansado da pastorícia.

A história do Reino do Bailundo, segundo Sanjukila (1997), começa, portanto, com a extraordinária postura de Katyavala I. Depois da confiança nele depositada pelo povo, resolveu implementar a Ombala, um região do Sumbe, terra de origem de seus pais. Convocou uma grande festa, com a participação de todos, do bebé ao velhote, para a inauguração da Ombala. Convidou, também os seus pais, embora fizesse muito tempo desde a sua expulsão.

Segundo Sungo (2015, p. 74) afirma que “este acabou por ser um momento de transformação de poder na localidade, já que foi a partir da fundação do Reino que se deu início a uma organização político-económica mais centralizada. Sungo (2015) conta-nos que esta nova organização implicou, portanto, a união das aldeias (Viye, Ndulu, Kaliki, Tchiaka e os anfitriões de Halavala) que se encontravam separadas”.

As narrativas são unânimes em considerar que Katyavala, com o seu ar arrogância, poder e arma empunhada ao seu lado passou a transmitir novos hábitos e costumes

provenientes do Kwanza Sul, sua terra natal, impondo o cumprimento, afirmando categoricamente, que quem se abdicasse, pagaria por uma pena de morte.

Poulson (2009, p. 165) concorda com os demais autores e vai mais longe ao afirmar que “a partir dessa altura, Katyavala passou a ser o Rei oficial do Bailundo, com o seu nome Katyavala I, e também Halavala passou para Bailundo”. Por a história regista que o apogeu do reino se deu no reinado de Ekuikui II, de 1876 A 1890. Mais foi Katyavala que fundou o Reino em 1700, vindo do Kwanza Sul com sua família, quando instalou-se na montanha de Halavala.

Entende-se que Katyavala I ao fundar o Reino do Bailundo, trouxe uma forma de organização político-económica centralizada e dependente da Capital do Reino “Bimbi Katapi”, hoje Bailundo, submetendo as cinco aldeias da região (Halavala, Tchiaka, Kaliki, Ndulu e Viye), incluindo a recém-formada aldeia de Tckitomba, obrigando-os a pagar tributos e obediência ao Ossoma Inene, dono e senhor do poder político e da Ombala. Nascia, portanto, uma nova era política e cultural no Bailundo, surgia o Bailundo como Reino, tendo Katyavala como seu primeiro Ossoma Inene.

Daquilo se pode inferir das obras consultadas e da análise feita, os factores determinantes que contribuíram para edificação do Estado do Bailundo foram:

- a. A boa organização político-cultural imposta por Mbulu e Tchingala em Halavala antes da fundação; os solos aráveis e abundancia de animais, quer de caça como de pasto que a região oferecia, elementos atrativos e indispensáveis na construção de novas comunidades;
- b. comportamento menos bom de Katyavala em dizimar o rebanho de seu pai por estar cansado da actividade pastoril, que lhe valeu a expulsão da sua tribo; a coragem, força e determinação de Katyavala em incendiar aos assentamentos das comunidades encontradas e por possuir já naquela época um «kanhangulu»¹ espingarda, desconhecida até então pelos encontrados, que lhe deu maior supremacia. Portanto, o conhecimento e experiência trazida de sua terra natal, acabaram por lançar as bases para a construção do estado do Bailundo, que viria a ser o maior e melhor das chefaturas da comunidade Umbundu no Planalto Central da actual Angola.

Actualmente, o Reino do Bailundo, comporta um palácio real, 35 residências da corte e jangos que servem para os julgamentos tradicionais, recepção de visitas, que ajudam a resolver os problemas sociais que ocorrem na sua jurisdição².

1.1.3 Origem do nome Bailundo: “de Halavala à Bailundo”

¹ Kanhangulu – espingarda, arma de fogo da época, de origem europeia, trazida à Angola pelos mercadores portugueses.

² Entrevista feita ao Ossoma Inene Francisco Kavili Ngombol, membro da corte real do Bailundo, aos 21 de junho de 2023.

A região, antes da fundação do Reino, tinha o nome de Halavala em alusão ao monte, principal referência geográfica da região. A mudança para o nome Bailundo deveu-se ao acto de entronização, ou seja, da nova atribuição ao local depois da implantação da árvore sobre a cova onde jazem cabeças de certos animais e inclusive a de um ser humano (nguendalika)³ e, finalmente, com a implantação do onjango símbolo de poder.

É nesta sequência da outorga de um novo topónimo que surge algures um roedor, toupeira real, com uma listra na testa conhecida, na língua local, de ombalundu, também símbolo de beleza que os homens daquela região usavam na testa. Com aparecimento ocasional deste roedor e na sequência logicamente da procura do nome a atribuir a nova ombala, aliando o agradável ao útil, para nada mais se optou senão dar o nome de Ombalundu, ao novo estado recém-criado de carácter consuetudinário, socio-político-administrativa.

A partir daí, o nome ficou gravado nos anais da história de Angola não só para designar o Estado Bailundo, mas também para designar uma grande parte do grupo maioritário de Angola, o grupo etnolinguístico Ovimbundu.

Quem sustenta essas informações é Paulson (2009, p.164) ao afirmar que “como segunda parte do ritual surge a necessidade da implementação do «onjango». Neste, aparece uma toupeira real com uma listra da testa semelhante ao ombalundu que os homens de Halavala traziam da testa. Este sinal é sinónimo de bom sucesso”. Na mesma linha de pensamento Da Costa (2014, p. 55) diz que “o nome Bailundo foi escolhido por Katyavala em referência a uma toupeira encontrada por um dos participantes na cerimónia, toupeira esta, que possuía um sinal na testa chamado ombalundu, símbolo de beleza e prosperidade”.

Sanjukila (1997) e Poulson (2009) parafraseiam o grande Katyavala que: “*etali onduko ya halavala yapua. Chilo ame Mbalundu momo ndikasi vovipala vi-owini wosi*”⁴. E, a partir daquele momento, até aos dias de hoje, este nome continua sendo a designação do Reino.

Estas informações são bem sustentadas pelo actual Ossoma Inene do Reino do Bailundo Tchongolola Tchongonga ao acrescentar que o Ossoma Inene Katyavala terá olhado de forma positiva no aparecimento da toupeira e disse aos presentes a partir daquele dia iriam enterrar o nome de Halavala e passariam a chamar o Reino de Bailundo, porque ele era o rei Katyavala. Segundo o Reino, a partir daquela data este estava nítido na testa de todos os falantes da língua umbundu, que teriam de conhecê-lo. Porque a pessoa pode vestir dos pés à cabeça, mas nunca conseguir tapar a testa, os bailundos deviam ser identificados por aquele sinal na testa, pois eles tatuavam-se com uma erva local. Foi assim que Halavala passou a chamar-se de Bailundo.⁵

³ Nguendalika – pessoa solitária que caminha sozinha em zonas perigosas.

⁴ A partir desse momento, o local em que nos encontramos deixa de ser Halavala passando a chamar-se Mbalundu, porque está nítido na testa de todos.

⁵ .Entrevista feita na Ombala do Bailundo, ao soberano do Reino, Tchongolola Tchongonga, aos 2 de Maio de 2023.

Um outro contributo encontrámos-na nas abordagens de Gomes (2016, p.70) que postula que “o Estado do Mbalundu, topónimo evoluído do etnónimo de elundu, singular de alundu, o que em língua Umbundu quer dizer montanhas ou valundu significando nas montanhas”.

Enquanto que Da Costa (2014, p.55), citando o missionário Keiling, que actuou na região do Bailundo vai mais longe, sugerindo duas hipóteses para origem do nome Bailundo, “em todas as suas mudanças, os pretos construíram sobre montanhas, colinas em língua olundo, donde lhes veio o nome de Vambalundo – Valundo – gosta de colinas. Ovambalundo também podia dizer: amigos da tatuagem... acostumados a tatuarem-se.

Pode-se inferir que a origem do nome Bailundo está intrinsecamente ligada ao trinómio «Montanha - Toupeira – Tatuagem», afinal os autores consultados assim a justificam e apoiando-se na tradição oral e nos costumes locais, justificam-no de forma convincente. Por outro lado, directa ou indirectamente, Katyavala I acabou por ficar com o mérito de ser o mentor do nome, tendo popularizado o mesmo no planalto central e, conseqüentemente, na história de Angola.

2.3 Situação geográfica do reino do bailundo

Conforme descreve-se no tema anterior, o nome Bailundo surgiu em torno do trinómio Toupeira – Tatuagem – Montanha e foi o Ossoma Inene Katyavala I que recebeu o mérito de ter alterado o nome do Reino de Halavala para Bailundo.

O Reino do Bailundo foi um Estado Angolano, localizado no planalto Central de Angola, que tinha a sua capital, inicialmente, Bimbi – Katapi, depois Vila Teixeira da Silva e hoje Bailundo. No seu auge, no reinado de Ekuikui II, o Reino compreendia parte das actuais províncias do Huambo, Benguela, Bié e porções pequenas da Huíla, sendo o maior das entidades nacionais Ovimbudu.

Segundo Poulson (2009, pp.162 e 163) “o Bailundo é um município do Huambo, que se situa a Norte da cidade capital do Huambo, distando a 80 kms, com uma extensão de 6.984 km²”.

No momento da sua fundação, o Reino do Bailundo era limitada a norte pela aldeia de Ndulu, a Sul por Halavala, a Oeste por Kaliki e Chiaka e a este por Viye. Tal como Sungo (2015) e Sanjukila (1997) sustentam que o Reino do Bailundo existe há mais ou menos quatro séculos, e no tempo da sua fundação o planalto era pouco povoado, existiam apenas cinco aldeias, nomeadamente: Ndulu a Norte, Kaliki e Chiaka no Ocidente, Viye no Oriente e Halavala (hoje Bailundo) no centro.

O actual soberano do Reino do Bailundo, foi mais longe ao afirmar categoricamente que no reinado de Ekuikui II o Reino do Bailundo chegou a estender-se nas actuais províncias do Huambo, Bié, Benguela e partes da Huíla, isto é, nos municípios de Kakonda e kalukembe. O soberano ainda acrescentou que um reino não pode ser uma extensão. Como o rei não podia trabalhar sozinho, o Sambo, Wambu, Chiaka, serviram de

postos avançados do rei Ekuikui II. Pela grandeza do Bailundo, estes são sub-reinos, apesar de intitularem como reinos, devem obediência ao Bailundo por ser o centro do grupo etnolinguístico Ovimbundu⁶. Tal como ilustra o mapa do Reino do Bailundo na sua máxima extensão, elaborado pelo António Franco, licenciado e professor de geografia cartografia.



O Reino do Bailundo foi sempre uma região com grande densidade populacional, porem a política colonial sempre procurou reduzir este dado, enfraquecendo desta feita o seu poder como entidade capaz de autoadministração, Poulson (2009, pp 162-163).

É inegável e inquestionável sobre a densidade populacional do Reino do Bailundo; por isso, é importante lembrar que o Reino do Bailundo não controlou estes territórios “partes das actuais províncias do Huambo, Bié, Benguela e porções pequenas na Huíla” de forma directa, terá,

⁶ .Entrevista feita na Ombala do Bailundo, ao soberano do Reino, Tchongolola Tchongonga, aos 2 de Maio de 2023.

entretanto, lançado sua influência ideológica nessas regiões e, na maior parte das vezes, sobre tudo no reino de Ekuikui II, expoente máximo da história do Reino, obrigando-os obediência e pagamento de tributo, na maior parte das vezes.

2.4 Resenha histórica do surgimento e evolução do museu e sua utilidade

Museu é uma instituição que conserva os artefactos de importância científica, artística, cultural ou histórica. Desvallées e Mairesse (2009) Citando a Internacional Council of Museums (ICOM, 2001) definem o museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer.

Os museus tiveram origem do hábito de colecionismo, que nasceu junto com a própria humanidade. Desde a Idade Antiga, o homem por infinitas razões o homem vem colecionando objectos e lhes atribui valor, seja afectivo, cultural, religioso, ou simplesmente, material, o tem justificado a necessidade de sua preservação ao longo do tempo. Há milhares de anos já se faz registos sobre instituições vagamente semelhantes ao museu moderno funcionando.

Segundo Renault e Araújo (2015) afirmam que as primeiras coleções aparecem durante a pré-história e estão ligadas a valores sobrenaturais. Os utensílios comuns, aqueles que eram usados na vida diária, chegaram a adquirir significados de natureza mágica. O colecionismo ou o ato colecionador é tema de várias áreas do conhecimento e prática que remonta aos primórdios da civilização humana. Coleccionar pode inclusive se fazer análogo à condição da razão e à ordenação do discurso.

Entretanto, somente no século XVI se consolidou o museu mais ou menos como actualmente a conhecemos. Depois de outras mudanças e apreçamentos, hoje os museus, que já abarcam um vasto campo de interesse, se dirigem para um crescente profissionalismo e qualificações de suas actividade e, se caracterizam pela sua multiplicidade de tarefas e capacidade que lhe atribuem os museológicos e pensadores, deixando de ser passivos acúmulos de objectos para assumirem um papel importante na interpretação da cultura e educação do homem, e fortalecimento da cidadania e do respeito à diversidade cultural, e no incremento da qualidade de vida. Porém, muito dos conceitos

fundamentais que norteiam os museus contemporâneos ainda estão em debate e precisam de clarificação.

Entre os séculos XVI e XVII, eram, inicialmente, um amontoado de objectos sem nenhum tipo de ordem, chamados “gabinetes de curiosidades”. Carlos Lineu, no fim do século XVIII, foi o primeiro a classificar e organizar um acervo, no Museu de História Natural de Londres. A partir desse marco, a Museologia evoluiu rapidamente. Os museus tomaram novos formatos e se tornaram cada vez mais interativos a partir da incorporação das tecnologias multimídia.

Segundo Marshall (2005, p. 14) “a primeira coleção que recebeu a denominação de museu foi a do Louvre na França, aberta ao público em 1750. Depois a palavra museu tornou-se habitual para designar coleções de qualquer natureza (públicas ou particulares), e até há bem pouco tempo, o museu destinava-se apenas a abrigar e conservar coleções: era sua única finalidade”.

A passagem do colecionáveis para o museu é produzida na Grécia antiga, e é precisamente nessa altura que se origina o processo de musealização do objeto, tanto nas coleções de carácter político como religioso. O termo colecionar forma parte de uma construção histórica do colecionismo remontando aos primórdios da humanidade, que coletando e, logo, colecionando, nossos ancestrais aprenderam a discernir recursos naturais e a seleccionar possibilidades vitais do mundo; desde a pré-história e a cada nova geração conseguiu organizar sons e sinais sob a forma de discurso. Com estes dois dons, coletar e falar abrem-se diante de nós as condições essenciais da vida comunitária: sustentabilidade e comunicação (Idem).

Revista Publicando (2018) afirma que na longa trajetória em que se foi moldando o binômio Patrimônio e Museologia-Museu, o estudo dessa relação sob a égide de uma iniciativa de carácter oficial e em cenário internacional foi selado na primeira metade do século XX, sendo que o Escritório Internacional de Museus (OIM), no quadro da Sociedade (Liga) das Nações, teve papel relevante na inserção da questão do Patrimônio em contexto mundial. Essa organização realizou o Primeiro Congresso de Arquitetos e Técnicos de Monumentos. Encontro considerado pioneiro para os padrões da época e, nos dias de hoje, um marco no tema da Preservação de obras de arte, conjugando Museus e Patrimônio.

O congresso reuniu profissionais de vários campos: especialistas em museus, arquitetura, história da arte e restauradores, entre outros. O documento resultante é a Carta de Atenas para a Restauração de Monumentos Históricos, datado de outubro de 1931, chancelado pela Sociedade das Nações, que cita o OIM como partícipe da responsabilidade por ações ligadas a inventários e atividades para preservar ou restaurar monumentos (ICOMOS, 1931). É o “primeiro documento internacional a reunir deliberações de consenso entre vários países, referentes aos temas do patrimônio e restauro” (Almeida, 2010, p. 9).

Na afirmativa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), o evento organizado pelo OIM e o respectivo documento, Carta de Atenas de 1931, juntamente com outro do mesmo nome, mas datado de novembro 1933 e resultante da Quarta Assembleia do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), ocupam posição de destaque na interpretação do tema Patrimônio, na medida em que foi “introduzido pela primeira vez na história o conceito de patrimônio internacional” (ICOMOS 1931).

A museologia é o campo do conhecimento dedicado a o estudo dos Museus e suas coleções. O Serviço de Museologia é formado por uma equipe de museólogos e historiadores e voltam para a preservação dos bens culturais realizando um trabalho organizado em 4 etapas interligadas: Documentação, Conservação, Pesquisa e Divulgação. Uma vez que o Acervo é entendido como fonte de informação, este trabalho desempenha um importante papel social por ser essencial para a preservação da memória e disseminação do conhecimento.

A museologia é a área do conhecimento que estuda os museus, é responsável pela coleta, organização e conservação de peças de valor artístico, cultural, científico ou histórico. Tem como objectivo de difundir o conhecimento através da exposição de acervos, que podem ser dos mais varicosos tipos como: bibliotecas, jardins botânicos, zoológicos, planetários, museus históricos e galerias de arte.

Hoje, os museus dedicam-se à classificação, conservação e exposição de peças de valor histórico, artístico, cultural e científicos. Museólogo pode trabalhar de diversas formas:

1. Organizando acervos, fazendo restaurações, concebendo a forma do acervo, documentando ou gerenciando o museu;
2. Atuando, igualmente, em universidades, centros comunitários e sítios arqueológicos.

As instituições museológicas surgem pela necessidade de guardar, preservar, conservar e fazer conhecer os acervos museológicos (considerados patrimônio) que representam a cultura e história de um indivíduo, instituição, povo ou país de acordo a finalidade pela qual foi criada.

No caso de Angola, a *Revista Publicando*, 5 No 16. (1). 2018 fundamenta que A importância destas instituições na preservação da cultura e memória de um povo, bem como o papel que desempenha na tramitação e externalização do conhecimento histórico-cultural. Angola é um país rico em cultura e história pelo Decreto presidencial nº 44/11 de sete de março, estabelece o estatuto orgânico destas instituições e a responsabilização atribuídas a elas pela guarda e divulgação dos acervos sobre tudo aqueles que detém informações sobre a cultura, e história deste país, para tanto faz-se uma abordagem sobre o surgimento e importância dos museus em Angola. Para tanto, foram revisadas as normativas que regem o Instituto Nacional do Patrimônio Cultural e da Direção Nacional dos museus de Angola, bem como a Lei Constitucional da República de Angola e os fatos ocorridos no processo e construção da Museologia nos países, por serem os museus a maior instituição que protege, conserva e exhibe estes bens patrimoniais. Como resultado parcial observou-se a importância das instituições museológicas na construção do conhecimento público e na preservação do patrimônio cultural nacional de Angola.

Segundo Flores (2010) a preservação é o meio ambiente histórico e cultural de uma localidade, comunidade, cidade, região deve ser incentivada na atual sociedade independentemente da evolução da sociedade frente à globalização ou frente ao mercado de consumo descontrolado - através de políticas públicas que visem manter viva a história e identidade de seu povo colonizador, no intuito de evitar dissipar a geração antecedente. E nos ordenamentos jurídicos Angolanos a Lei Prevê a proteção, preservação e a divulgação destes bens culturais e histórico.

Segundo Oliveira (2021) na atualidade, os museus assumem uma nova dinâmica no que diz respeito à oferta de serviços e à sua relação com a sociedade o ambiente museológico quanto à sua capacidade de gerar estímulos para o processo cognitivo criativo dos seus visitantes. Posteriormente, exploradas formas de auxiliar o público no desenvolvimento de ideias, que poderiam dar origem a novos produtos, serviços, soluções ambientais, entre outros.

Com este sentido, a instituição do museu passa a ser uma grande promotora do desenvolvimento do homem, pois retrata a sua diversidade e a variada gama de possibilidades da civilização representada pela cultura material depositada no seu acervo, ou seja, o museu passa a ser o lugar de conexão entre passado, presente e futuro, pois olhar o passado é conhecer o que foi produzido para aprimorá-lo e influenciar o presente, para que novos conhecimentos e técnicas sejam sustentabilidade das futuras gerações.

O museu é de grande importância para os cidadãos do ponto de vista educacional. A função que o museu exerce na vida de um povo é muito relevante, haja vista que, conforme observa Desvallées e Mairesse (2009), este apresenta à coletividade sua história e sua cultura. Esta instituição deve promover ações para que a comunidade valorize sua identidade e preserve seu patrimônio cultural, pois, a função do museu deve centrar-se em poder colocar a população local em contato com sua própria história, suas tradições e valores. Por meio destas atividades o museu contribui para que a comunidade tome consciência de sua própria identidade que geralmente tenha sido escamoteada por razões de ordem histórica, social e racial. (Documento do ICOM – Conselho Internacional de Museus 1986).

Portanto, o desempenho dessa função social do museu envolve técnicas, recursos e ações socioeducativas, cujo objectivo é permitir que a população conhecesse o museu, as pesquisas e projetos que realiza todas essas ações são formas de o museu contribuir para o desenvolvimento da capacidade individual e coletiva do cidadão, permitindo a eles informar-se e aprender sobre seu passado, por meio da valorização e preservação do seu patrimônio cultural.

2.5 Peças museológicas e artefactos históricos do Reino do Bailundo

Conforme foi adiantado, o espírito museológico surgiu com a humanidade, mas a primeira coleção que recebeu a denominação de museu foi a do Louvre na França, aberta

ao público em 1750. Depois a palavra museu tornou-se habitual para designar coleções de qualquer natureza (públicas ou particulares), e até há bem pouco tempo, o museu destinava-se apenas a abrigar e conservar coleções, era sua única finalidade”.

As peças museológicas e artefactos históricos, considerados como património Umbundu, no Reino do Bailundo começaram a ser produzidas, tão logo o Reino foi fundado por Katyavala I em 1700, de lá para cá várias são as peças produzidas e conservadas, não só pelo seu valor histórico e cultural, mas também por marcar a caminhada e o percurso histórico do maior grupo etnicolinguístico de Angola. Tal como confirmou o Ossoma Inene Francisco Ngambole que apesar da interferência colonial e a guerra civil que o país viveu essas peças e artefactos continuam intactos e conservados na Ombala do Reino. Ele ainda avançou que sempre foi e é preocupação do rei em exercício e sua corte conservar e proteger todo esse acervo por marcar e simbolizar o percurso, as vivências, a produção cultural e artísticas de distintas épocas e personalidades que se notabilizaram no Reino.⁷

A conservação e preservação desse acervo nos mantém ligados as nossas origens e, é hoje a nossa identidade, apesar da globalização que inegavelmente tem corrompido a humanidade, a continuidade e prosperidade do maior Reino Ovimbundu está intrinsecamente ligada a perpetuação e divulgação dos feitos dos antepassados e a oralidade, nossa biblioteca, tem desempenhado o seu papel⁸.

Nesta perspectiva, o historiador Alberto Sehululu avançou que em história de África todo e qualquer documento testemunhal da história de um povo, uma tribo ou nação deve merecer toda atenção especial e, no caso do Bailundo, as peças museológicas e artefactos históricos não fogem a regra, pois marcam e conservam a caminhada artística e cultural daquele que, hoje é considerado o maior entre os ovimbundu⁹

⁷ Entrevista feita ao Ossoma Inene Francisco Kavili Ngombole, membro da corte real do Bailundo, aos 21 de junho de 2023.

⁸ Entrevista feita ao Ossoma Inene Francisco Kavili Ngombole, membro da corte real do Bailundo, aos 21 de junho de 2023.

⁹ Entrevista feita ao historiador e professor Alberto Sehululu, ex-chefe do Departamento de Ciências de Educação do ISCED-Huambo, aos 19 de junho de 2023.

2.6 Proposta de criação de um Museu para a exposição das peças museológicas e artefactos históricos no Reino do Bailundo

A produção artística de um povo expressa as suas vivências, crenças, hábitos e costumes ao longo dos tempos, por isso, devem ser preservados, valorizados, divulgados às gerações do presente e do futuro por serem fontes de conhecimentos indispensáveis para forjar a personalidade cultural dos indivíduos. Por isso, julga-se oportuno a construção de um museu ou centro de conservação e exibição das peças museológicas e artefactos históricos no município do Bailundo, para que o mesmo, venha promover o conhecimento históricos do grupo etnolinguístico ovimbundu, no geral e em particular o Reino do Bailundo, atrair investidores público-privado, estatal ou estrangeiro, turistas nacionais e estrangeiros para alavancar a economia do município.

O pouco investimento e divulgação das peças museológicas e artefactos históricos do Reino Bailundo, num espaço específico, como por exemplo no museu, tem dificultado o maior conhecimento da memória colectiva e manifestação artística dos povos do Reino do Bailundo. Pensa-se que se houvesse mais investimento estatal ou privado, essas peças e artefactos seriam atracção turística e fonte de rendimento para região do planalto central de Angola.

Depois de uma busca prévia e a análise da bibliografia consultada, inferiu-se que pouco se fala e se conhece das peças museológicas e artefactos históricos do Reino do Bailundo, por isso propomos ao Estado, a classe empresarial local e estrangeiro a investir nesse quisito para que se divulgue mais essas peças, por exemplo com a construção de um museu, se tiraria maior proveito, atraindo turistas locais e estrangeiro, acabando, portanto, por ajudar Angola financeiramente, numa altura que a prioridade do Estado diversificar a economia e o turismo é uma das peças fundamentais e indispensáveis.

Neste quisito, sabe-se que que o município do Bailundo é estratégico e rico, por passarem nele duas estradas nacionais que interligam as províncias de Malange e do Bié e por ser o centro da cultura Ovimbundu, julga-se que estes factores deveriam contribuir positivamente para dinamizar e receber turistas e investimentos, para isso, é necessário criar atracção para receber cada vez mais visitantes. A construção de um museu ou centro

de conservação de peças museológicas e artefactos história seria como juntar o útil ao agradável, para fazer nessa região do país, um dos lugares mais visitados do país.

Quando questionado sobre o porquê da falta dessa infraestrutura naquele município, o Vice Administrador para Área infraestrutural Costa Chimbundo esclareceu que existe vontade porque o município dado a sua importância histórica carece. O mesmo garantiu ainda, que a segunda fase do PIM – Programa de Intervenção nos Municípios, trará verbas para a materialização desse projecto, porque o pedido já se encontra nas instâncias superiores¹⁰.

Vale lembrar que as instituições museológicas surgem pela necessidade de guardar, preservar, conservar e fazer conhecer os acervos museológicos (considerados património) que representam a cultural e história de um indivíduo, instituição, povo ou país de acordo a finalidade pela qual foi criada. Logo, o museu passa a ser o lugar de conexão entre passado, presente e futuro, pois o olhar o passado é conhecer o que foi produzido para aprimorá-lo e influenciar o presente, para que novos conhecimentos e técnicas sejam sustentabilidade das futuras gerações.

Neste caso, mobílias, roupas, ornamentos corporais, joias, armas, moedas, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, variadas espécies de alimentos e bebidas, meios de transporte, meios de comunicação, objetos sagrados, imagens materiais de divindades, substâncias mágicas, objetos cerimoniais, objetos de arte, monumentos, todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos. Expostos cotidianamente a essa extensa e diversificada teia de objetos, sua relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada um de nós, termina por nos passar despercebida em razão mesmo da proximidade, do aspecto familiar e do carácter de obviedade que assume. Na maioria das vezes, a tendência mais forte é para o esquecimento da existência e da eficácia dos sistemas de classificação a partir dos quais esses objetos são percebidos: quando, por exemplo, nos limitamos a perceber estes últimos segundo uma “razão prática” (Sahlins, 1976).

¹⁰ Entrevista feita, ao Vice Administrador para a Área Infraestrutura, Costa Chimbundo, na Administração do Bailundo, aos 21 de junho de 2023.

Para a criação de um centro de conservação e divulgação de peças museológicas e artefactos históricos ou museu é preciso a conjugação de esforços financeiro, técnico e científico, só assim se chegara ao desejado. Mesmo depois da criação do espaço é necessário a conexão de etapas para a abertura ao público alvo. Tal como ilustra, Dias (2023, sp) ao apresenta quatro etapas do trabalho de preservação do acervo, como:

1. Documentação: sistematiza o processo de salvaguarda do acervo e organiza, através de registos padronizados, os dados sobre cada um dos itens, facilitando assim a sua função como potencial fonte de informação e a divulgação do conhecimento;
2. Conservação: determina o conjunto de normas e procedimentos que devem ser levados em conta para garantir o estado de conservação das peças tanto na reserva técnica como no espaço de exposição;
3. Pesquisa: promove um levantamento de informações referentes aos itens do acervo e seus diferentes contextos, como os usos dos objectos e a trajetória dos pesquisadores relacionados.
4. Divulgação: concretiza o diálogo do museu com o público através da realização de actividades culturais, com o intuito de promover reflexões relacionadas à ciência e ao seu património. Esses eventos, com temática histórico-científica, são trabalhos colectivos e contam com a participação de equipas multidisciplinares.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa buscou utilizar a metodologias que possibilitam a reflexão e análise dos assuntos propostos, como preocupar-se também, com a relevância dessa abordagem para o desenvolvimento intelectual e cultural do homem novo.

Conforme fundamenta (Gil, 1999, P. 51) “Um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos”.

Dessa forma, este trabalho, enquadra-se na pesquisa qualitativa ou de compilação. Para isso ela centra-se na compreensão da relação entre esses conceitos: peças museológicas, artefactos históricos, Reino do Bailundo, empreendedorismo.

3.1 Tipo de Pesquisa

- a. Descritiva,
- b. Qualitativa.

3.2 Métodos de Pesquisa

3.3 Métodos de nível Teórico:

São aqueles que permitem revelar as relações essenciais do objecto de investigações para a compreensão dos factores e para a formulação de hipóteses de investigação. Entretanto, a sua utilização permitiu ascender do acondicionamento de informações empírica a descrever, explicar e determinar as causas.

- a) **Pesquisa bibliográfica** é o levantamento ou revisão das obras publicadas sobre a teoria que irá direccionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que executou o trabalho científico; dito em outras palavras, serviu para analisar textos publicados, para apoiar o trabalho. Ele foi usado antes e durante à pesquisa e ajudou na fundamentação teórica.
- b) **O Método histórico-lógico** é uma ferramenta de análise epistemológica de produção científica que ajuda, em primeiro lugar, a recuperar suas características, sua lógica interna, o modelo paradigmático ou epistemologia dominante nas teses ou relatórios de pesquisas. Em segundo lugar ajuda a recuperar as condições materiais, institucionais e políticas que determina a produção e revelam a sua inserção em perspectiva, tendências, concepções científicas privilegiadas e a influência de políticas científicas e interesses e ideologias sociais dominantes (Gamboa, 2018). Foi usado em toda fundamentação teórica para construir ideias novas.

c) **Análise e síntese:** No método racional, a análise é uma operação mental que consiste na decomposição de um todo em tantas partes quantas possíveis. A síntese é reconstituição do todo pela reunião das partes decompostas para análise, ou dito em outras palavras, análise é processo que parte do mais complexo para o menos complexo, e a síntese parte do mais simples para o menos simples (Cervo et. all, p 33). Com este método, pretendeu-se analisar e sintetizar os vários pontos de vistas dos autores usados no trabalho.

d) **Método dedutivo:** é um processo de análise de informação que nos leva a uma conclusão. Dessa maneira, usou-se para encontrar o resultado final.

e) **Método indutivo:** raciocínio indutivo ou simplesmente indução, é um tipo de argumento utilizado em diversas áreas do conhecimento. Esse método tem um intuito de chegar a uma conclusão. O método indutivo é o ponto de partida a observação para, daí, elaborar uma teoria. Usou-se para analisar as premissas verdadeiras para chegar a conclusões que podem ou não serem verdadeiras.

3.4 Métodos de Nível Empírico:

3.5 Serve para testar a validade de teorias e hipóteses em um contexto teórico – prático; este método foi utilizado para comprovar as várias teorias e hipóteses sustentadas pelos autores, serviu para gerar evidências uma para obter conclusões.

Observação - consiste em perceber, ver e interpretar o observado. A observação retrata como foi visualizada, sem que, a princípio, as ideias interpretativas do observado sejam tomadas. Usou-se neste trabalho durante o momento que se esteve no reino para analisar, enxergar e pesquisar de forma cautelosa.

Entrevista - possibilitou analisar problemas a partir dos pontos de vista dos entrevistados, bem como estudar o sentido que estes dão aos acontecimentos, garantindo riqueza e profundidade dos elementos recolhidos. Ela serviu para entrevistar e colectar informações precisas aos mais-velhos idóneos da Ombala do Reino do Bailundo, Administrador e Professores de história conhecedores do problema a ser pesquisado o que ajudou a criar variedades e riqueza nos resultados a apresentados. A entrevista foi feita em forma oral, entretanto, as perguntas foram abertas para permitir o entrevistado exprimir livremente o seu pensamento sobre o assunto pesquisado. Com isso se pode inferir com maior exatidão as informações obtidas. Ver apêndice.

4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Da população, que constitui o objecto do nosso estudo, extraiu-se 55 membros, que compõem a nossa Amostra. Desta, 31 do sexo masculino, que corresponde a 56%, e 24 do sexo feminino, que corresponde a 44%.

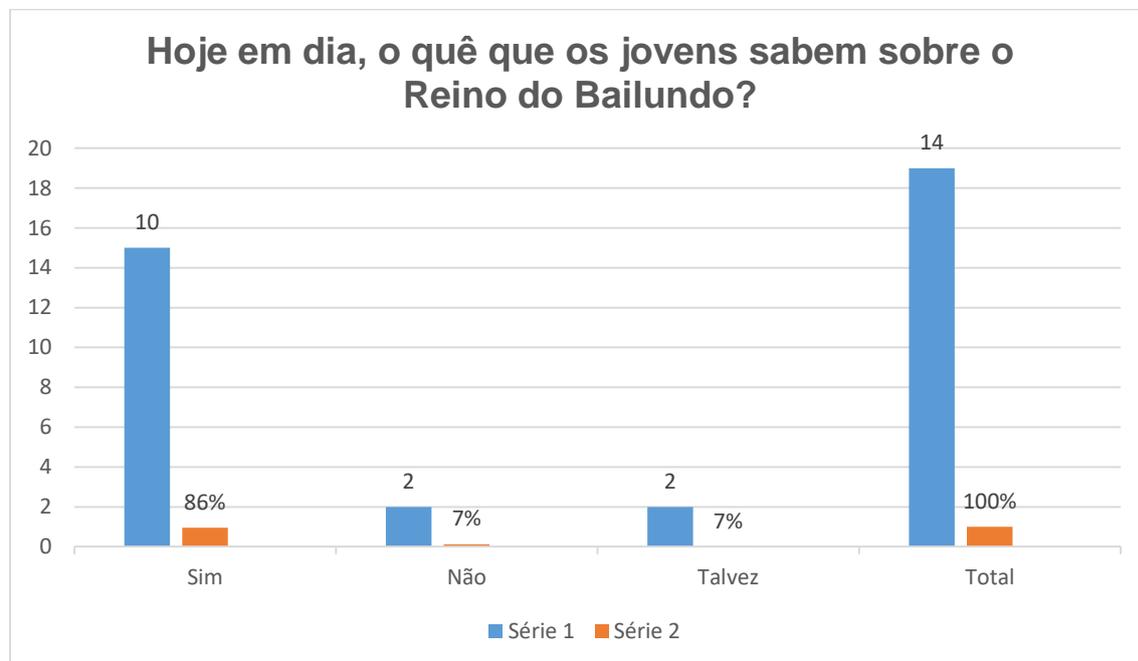


Gráfico 1 – Fonte: criação própria. Dados obtidos a partir das entrevistas feitas à Amostra da nossa população em estudo.

No gráfico nº 1, a maior percentagem é de 86%, resposta de 10 (dez) inqueridos, que responderam sim, demonstrando conhecer alguma sobre o Reino do Bailundo. E 7% respondeu não, demonstrando não conhecer nada sobre a pergunta, 7% ficou em dúvida.

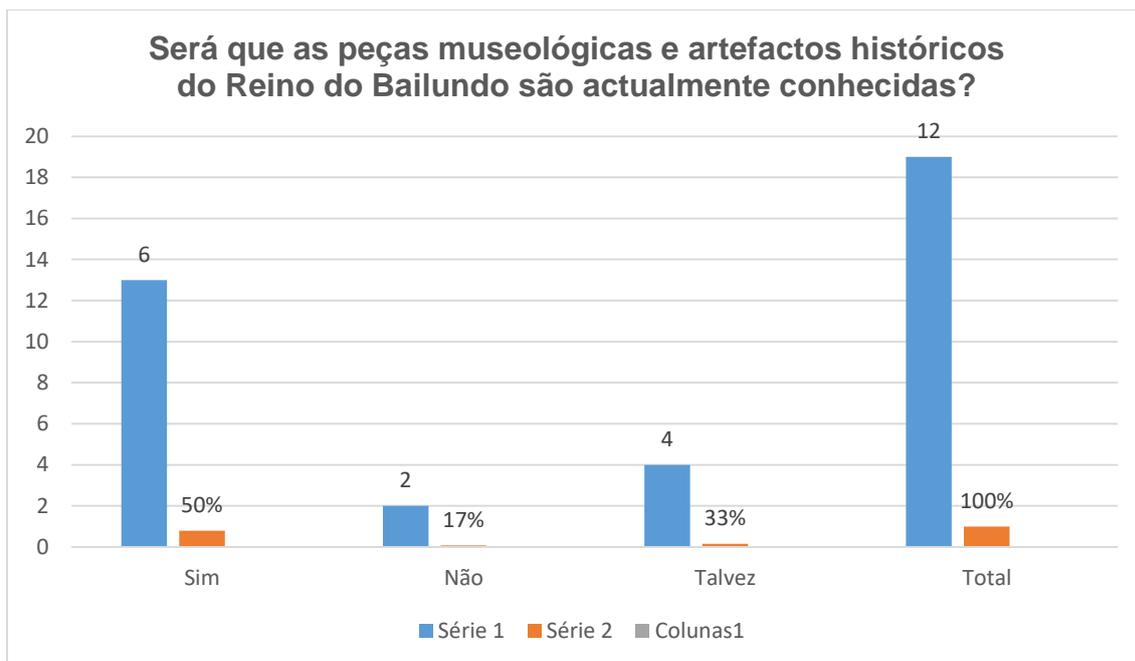


Gráfico 2 - Fonte: criação própria. Dados obtidos a partir das entrevistas feitas à Amostra da nossa população em estudo.

O Gráfico acima apresentado, ilustra que 50% dos entrevistados afirmam conhecer este acervo, 17% diz não conhecer e nunca ter visto, enquanto que 33% mostrou-se em dúvida.



Gráfico 3 - Fonte: criação própria. Dados obtidos a partir das entrevistas feitas à Amostra da nossa população em estudo.

O gráfico acima, ilustra o quanto seria importante a construção de um centro ou museu para a conservação e divulgação da produção histórica e artística do povo Umbundu, feito o questionamento, 68% respondeu que seria fundamental e viria na boa hora, entretanto, atrairia com ele turistas nacionais e estrangeiros e investimentos. enquanto que 6% respondeu não e os 28% restantes mostraram-se em dúvida

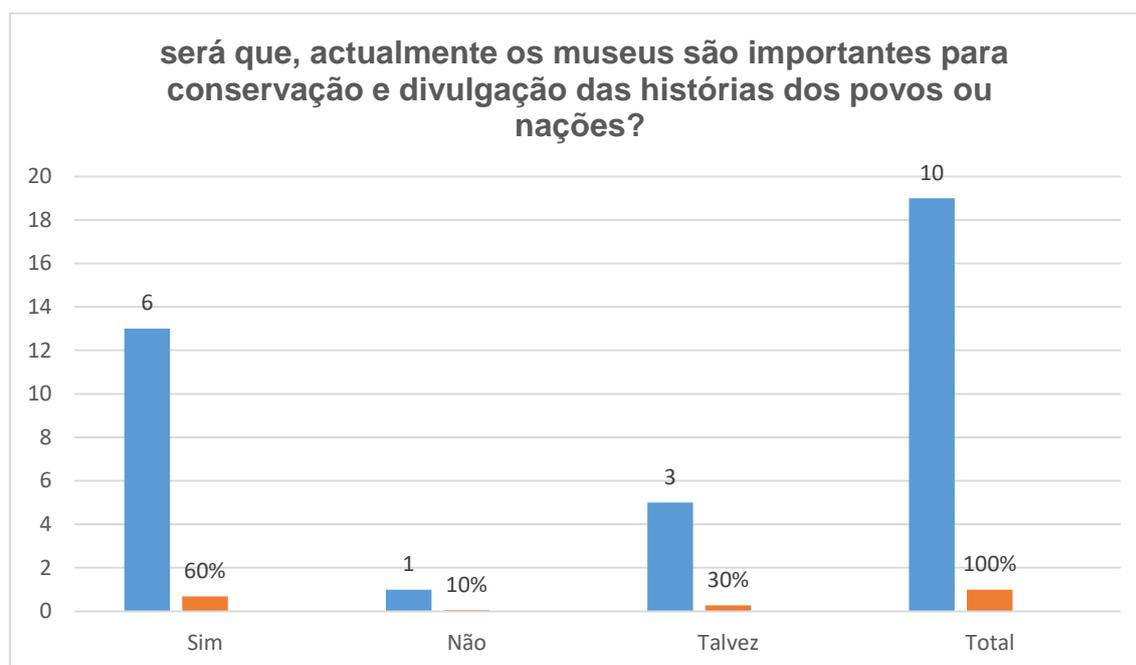


Gráfico 4 - Fonte: criação própria. Dados obtidos a partir das entrevistas feitas à Amostra da nossa população em estudo.

O gráfico apresentado, ilustra que 60% afirmou que sim, 10% afirmou que não, enquanto que 30% mostrou-se em dúvida.

5. PROPOSTA DE SOLUÇÃO

Depois de uma busca prévia à bibliografias consultadas e entrevistas à Corte real do Reino do Bailundo e ao vice- administrador do mesmo município, apresentamos as seguintes propostas:

- 1) Construção de um museu no município do Bailundo para conservação e divulgação das peças museológicas.
- 2) Incentivar a classe empresarial local ou estrangeira para investir na construção de um museu.
- 3) Dar mais reconhecimento das peças e artefactos históricos do reino do Bailundo.
- 4) Mais divulgação sobre as peças museológicas e artefactos através de palestras, workshops, debates para que a comunidade saiba.
- 5) Criação de parcerias com entidades governamentais e particulares de modo a tornar o projeto rentável.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Tatiana Alves de Programa de Pós-graduação em Museologia (Universidade Federal da Bahia), Bahia, 2010.

ALTUNA, Raúl Ansûa, Cultura Tradicional Bantu, Águeda, Arte Gráfica, 2013.

COSTA. Renata Jesus da, O colonialismo e género entre os Ovimbundu: Relação de poder no Bailundo (tese apresentada na Universidade de Brasília), Brasília, 2014.

Desvalles, Andre e Mairesse, Franços, A Comunicação museológica e as pedagogias culturais: por um museu educativo em movimento, Revista Mosaico, 2017

DIAS. C. L. Da reserva técnica à exposição: a trajetória do acervo do museu da vida, Brasília, 2023.

FLORES. Joana, Mulheres Negras e o Museu de Salvador: Diálogo em Branco e Preto, Bahia, 2017.

GIL. António Carlos, Métodos de pesquisas social, 5ª ed. São Paulo; Atlas, 1999.

GOMES. Armindo Jaime, Ovimbundu Pré-coloniais. Contribuição ao seu estudo sobre os planálticos de Angola, Benguela, CACUL, 2016.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos, Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios, Rio de Janeiro, 2007.

In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), Ensaios e Práticas em Museologia (Vol. 10, pp. 142-170). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a9>.

LUANSI. Lukonde, Movimentos migratórios e estados pré-coloniais- Identidade Nacional e Autonomia Regional, Berlim, 2003.

MARSHAL. Francisco, Coleccionismo Bibliografico: contexto histórico, terminologia e perspectivas de estudo na ciência da informatica, São Paulo, SP. 2005.

OLIVEIRA, Mariana Espel de, Museu empreendedor: Usina de Eureka, um modelo de negócio para museus, 2021.

PÉLISSILER. René e WHEELER. Douglas. História de Angola, Publisher, Tinta da China, 2010.

POULSON. Lazarino, As autarquias locais e as Autoridades locais no Direito Angolano, Luanda, Casa das Ideias – Divisão Editorial, Lda, 2009.

RENAULT. Leonardo Vaconcelos e Araujo, Carlos Alberto Ávila Marcelo, O ato colecionador: uma visão a partir das disciplinas de Arquivologia, biblioteconomia e Museologia, Revista de Ciência e Documentação; V.6, 2015.

Revista Publicando, Vol. 5, Núm. 16, 75-92. ISSN 1390-9304. Received 27/07/2018. Approved 1/09/2018.

SAHIIISN. Marshall, Cultura e Razão Prática, Companhia das Letras, 1976.

SANJUKILA, Elias. O Reino do Bailundo, Huambo, C&M, Lda, 1997.

SUNGO. Marino Leopoldo Manuel, O Reino Mbalundu: Identidade e Soberania política no contexto do Estado Angolano (Dissertação de Mestrado), 2015.

7. APÊNDICE Nº 2



Legenda: foto do senhor Costa Chimbundo, vice-governador para área infraestrutural, tirada aquando da visita e entrevista à Administração do Bailundo, tirada aquando da visita dos estudantes do 4º ano do curso de história do ISP-CAÁLA, aos 21 de junho de 2023.

8. APÊNDICE Nº 3



Legenda: foto do Ossoma Inene Francisco Kavili Ngambole, membro da corte real do Bailundo, ritada aquando da visita e entrevista na Ombala do Reino do Bailundo, aquando da visita dos estudantes do 4º ano do curso de história do ISP-CAÁLA, aos 21 de junho de 2023.

9. ANEXO Nº 2



Fonte: Welcometoangola.co.ao de 24/08/2022, estátua de Ekuikui II, a figura mais sonante na linhagem do Bailundo.

10. ANEXO Nº 3



Fonte: Welcometoangola.co.ao de 24/08/2022, na imagem, o Soberano do Bailundo Isaac Francisco Lucas – Tchongplola Ngangonga.